



Nelson Rodrigues: ficção e homoerotismo

Nelson Rodrigues: fiction and homoeroticism

José Luiz Foureaux de Souza Júnior ¹

Gustavo Moreira Alves ²

Resumo: Este trabalho faz uma introdução ao homoerotismo. Em seguida, o homoerotismo é levantado como hipótese no conto “A desconhecida”, da coluna *A vida como ela é...*, de Nelson Rodrigues.

Palavra-chave: homoerotismo; Nelson Rodrigues

Abstract: This work makes an introduction to the homoeroticism. Then the homoeroticism is raised as a hypothesis in the short-story “A desconhecida”, from column *A vida como ela é...*, by Nelson Rodrigues.

Keywords: homoeroticism; Nelson Rodrigues

Introdução

Até o final do século XVIII, antes da Revolução Francesa, as pessoas viviam em comunidades. Como ainda não havia a noção de infância, as crianças dessas organizações sociais eram tratadas como adultos incompetentes, mais pertencentes ao todo do que ao pai e à mãe. Os idosos eram respeitados como transmissores de experiência. As práticas homossexuais tinham longo e rico histórico, inclusive entre figuras como Papa Júlio III (1487-1555), Henrique III de Valois (1551-1589), Jaime I da Inglaterra (1566-1625) e Frederico II da Prússia (1712-1786), mas o termo “homossexual” nem sequer existia. “(...) não se tinha nem se podia ter a noção de que existe uma ‘personalidade’ ou um ‘perfil psicológico’ comum a ‘todos os homossexuais’, como acreditamos hoje em dia” (COSTA, 1992, p. 12). O amor estava longe de se conciliar com o matrimônio entre homem e mulher. Com a ascensão da burguesia, o quadro muda seu desenho e suas cores.

A partir do momento em que a burguesia ascende ao poder, os trabalhadores do campo são cercados e tocados para as cidades. A criança vai aos poucos se constituindo enquanto ser que precisa de cuidados especiais. Quem vai se dar a esse trabalho são pai e mãe. Num primeiro momento da sociedade que se forma, obviamente teremos mulheres e crianças trabalhando nas fábricas, mas com o tempo o “sexo frágil” encontra seu refúgio

¹ Doutor em Estudos Literários pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e professor de Literaturas Brasileira, Portuguesa e Comparada na Universidade Federal de Ouro Preto.

² Jornalista formado pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-Minas) e estudante de Letras na Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP).

no lar, tomando conta dos afazeres domésticos e da cria, enquanto o marido sai pra se movimentar repetitivamente diante de uma esteira.

O papel do homem é o de operário e o da mulher é o da dona-de-casa. Na velhice, não é nada conveniente que ele ou ela tenham o papel de transmissor da narrativa. Por isso, no momento oportuno, fica reservado a eles o asilo, da mesma forma que ao louco há vaga garantida no hospício.

O mesmo fenômeno que cria hospícios e asilos inventa o termo “homossexual”. Falo do “passo a frente em relação aos métodos da Inquisição” (TREVISAN, 2007, p. 174), quando se deixa de temer a Deus e passa-se a temer o médico: a higienização burguesa. Nela, temos a medicalização e a moralização do sexo. De todas as possibilidades de “orientação sexual”, que incluem a preferência por determinados atos, certas zonas ou sensações, tipos físicos, freqüência com que se pratica, relações de idade ou poder, número de participantes etc., logo uma, o gênero do objeto de desejo, surgiu como categoria de organização e discriminação. “O homossexual é agora”, como fala Foucault em *História da sexualidade*, “uma espécie” (FOUCAULT *apud* SEDGWICK, p. 9).

Aos que não seguem a norma ou se desviam do ideal,

(...) é reservada a posição de objeto do desejo de destruição da maioria que em nome da norma ideal outorga-se o poder de atacar ou destruir física ou moralmente os que dela divergem ou simplesmente se diferenciam. É o mecanismo da rivalidade em torno do “narcisismo das pequenas diferenças” (...) (COSTA, 1992, p. 19).

O amor, que não era exclusivo da conjugalidade entre homem e mulher, até a Revolução Francesa não tinha importância para o casamento. Para a aristocracia, e isto demora a ser superado mesmo pela sociedade burguesa, matrimônio exigia “igualdade etária, social, física e moral” entre os pares que se uniam, nem sempre a etária aparecendo como desejável, como atesta Mary Del Priore em *História do amor no Brasil*, livro que na mesma página traz alguns interessantes adágios da sabedoria popular do século XVIII: “Seja o marido cão e tenha pão”, “Mais quero o velho que me honre, que o moço que me assombre”, “Antes velha com dinheiro que moça com cabelo” (DEL PRIORE, 2012, p. 24). Com a igualdade social, por outro lado, a coisa era mais séria. No Brasil, ainda de acordo com Del Priore, negros chegavam a ser proibidos de se casarem com nobres (p. 26). Nem a Igreja acreditava no amor: os cônjuges deviam se unir por dever, “para pagar o débito conjugal, procriar e, finalmente, lutar contra a tentação do adultério” (p. 28).

Tudo isso muda quando a burguesia vai aos poucos domesticando o amor.

Em nossa cultura, toda linguagem amorosa, que é essencialmente a linguagem do amor romântico, foi imaginariamente rebatida sobre o casal heteroerótico. Da primeira “paquera” até o altar e depois ao berçário, tudo que podemos dizer sobre o amor está imediatamente associado às imagens do homem e da mulher. Estamos longe do século XII, onde monges, bispos, fidalgos letrados e trovadores usavam indistintamente a mesma gramática para cantar o amor a Deus, o amor entre homens e o amor pela Dama. Hoje, quando um homossexual sente amor por outro homem, torna-se, querendo ou não, um *intruso* (...) (COSTA, 1992, p. 93).

Aí podemos introduzir o conceito-chave deste trabalho: o “homoerotismo”. O termo é defendido por Jurandir Freire Costa em *A inocência e o vício* como preferível a “homossexualismo” ou “homossexualidade” porque (1) não surgiu da intenção de moralizar o sexo ou de se fazer qualquer medicalização; (2) não carrega uma carga de intenção preconceituosa autônoma; e (3) promove uma expansão da noção de sexualidade (COSTA, 1992, p. 11).

(1) O termo “homossexualismo” surge na higienização burguesa, esse momento de exercício do controle em nome da ciência. Em *Devassos no paraíso*, João Silvério Trevisan diz o seguinte:

Com o advento de doutrinas pragmáticas, liberais e positivistas ligadas à Revolução Francesa e Americana, por um lado, e à Revolução Industrial, por outro, foram surgindo novos articuladores das malhas de um poder mais sutil, mais científico. Como agentes especializados desse controle rigorosamente dividido em categorias, aparecem primeiro os higienistas, depois os médicos-legistas e os psiquiatras (...) (TREVISAN, 2007, p. 171).

Como a sociedade burguesa precisava de filhos mais sadios para o futuro das fábricas, do Estado e da pátria, o lar tinha de se modernizar, preenchendo-se de prescrições científicas. Corpo, sexualidade e emoções eram controlados a partir de modelos de conduta moral, devendo funcionar de forma higienizada, dentro da família. Mesmo as re-

lações extraconjugais deviam ser barradas, para que assim se evitasse a proliferação de doenças venéreas. Libertinos, solteirões e homossexuais eram condenados, como diz Trevisan, como desertores do “supremo papel de homem-pai” (TREVISAN, 2007, p. 173). O homossexualismo, obviamente uma ameaça, era podado já na infância: a higiene médica tratava de colocar os meninos para, por exemplo, fazer exercícios que evitassem a “efeminação”. É claro que aos adultos também se aplicavam tratamentos de choque: “ou o homem seguia os preceitos da higiene ou se desvirilizava” (p. 174).

(2) O segundo ponto defendido para preterir termos “homossexualismo” e “homossexualidade” diz respeito à linguagem. Como diz Jurandir Freire Costa,

Nós (...) somos aquilo que a linguagem permite ser; acreditamos naquilo que ela nos permite acreditar e só ela pode fazer-nos aceitar algo do outro como sendo familiar, natural, ou pelo contrário, repudiá-lo como estranho, antinatural e ameaçador (COSTA, 1992, p. 18).

Afinal, existem características comuns a todos os homossexuais? O que é um “homossexual”? O que é preciso como conteúdo para se receber este rótulo?

O termo “homossexual” foi inventado em 1869, na Alemanha, pelo médico austro-húngaro Karl Maria Kertbeny. Alguns anos depois, o brasileiro “Dr.” Viveiros de Castro apresentou o quadro de comportamento desses seres que apresentavam uma alteração psíquica chamada “efeminização”:

Têm como as mulheres a paixão pela toilette, dos enfeites, das cores vistosas, das rendas, dos perfumes. (...) Depilam-se cuidadosamente. (...) Designam-se por nomes femininos, Maintenon, princesa Salomé, Foedora, Adriana Lacouvrer, Cora Pearl etc. São caprichosos, invejosos, vingativos. (...) Passam rapidamente de um egoísmo feroz à sensibilidade que chora. Mentira, delação, covardia, obliteração do senso moral, tal é o seu apanágio. A carta anônima é a expressão mais exata de sua coragem. Não seguem as profissões que demandam qualidades viris, preferem ser alfaiates, modistas, lavadeiros, engomadores, cabeleireiros, floristas etc. Seu ciúme é um misto de sensualidade em perigo, de amor próprio ferido. Narram-se casos de pederastas que em acesso de raiva ciumenta dilaceram a

dentadas o ventre ou arrancam a pele do escroto ou do membro de seus camaradas (TREVISAN, 2007, p. 179).

Outro brasileiro higienista, Pires de Almeida, constatou “o insistente gosto dos pederastas pela cor verde” e “a inaptidão de mulheres e uranistas para assobiar”, com a ressalva de que “só não conseguem assobiar os pederastas passivos” (TREVISAN, 2007, p. 180).

Tudo isso pode soar como absurdo nos dias de hoje. Jurandir Freire Costa, mais atual, vai questionar o que ainda não é visto assim:

Um verdadeiro homossexual é aquele que só se sente atraído e só se relaciona sexualmente com homens? (...) e aqueles que se sentem atraídos por homens mas por uma outra razão nunca mantiveram contatos físicos dessa natureza? São falsos ou verdadeiros homossexuais? E os que se sentem sensualmente atraídos por homens mas só têm relações físicas com mulheres? E os que só sabem ou só podem sentir-se atraídos ternamente por homens mas não têm nenhuma atração física particular por eles? E os que se sentem atraídos por homens só na fantasia mas preferem claramente, de todos os pontos de vista, relações afetivo-sexuais com mulheres? E, finalmente, os que se sentem atraídos por partes do corpo masculino mas que não querem, não gostam e não pretendem relacionar-se com homens porque têm muito mais prazer no contato amoroso-sexual com mulheres? O que são? (COSTA, 1992, p. 29)

Com todas essas condutas e desejos, todos tão diferentes uns dos outros, por que acreditar que exista um traço único, uniforme e suficiente para delimitar a identidade sexual, social e moral de uma pessoa? “Homoerotismo”, ao contrário de “homossexualismo” ou “homossexualidade”, é um traço comum de todos os homens. Por isso, não há sentido em chamar alguém de “homoerótico”.

(3) Homoeróticos podem ser os desejos, as pulsões, os comportamentos, as relações etc., não os seres:

Homoerotismo é uma noção mais flexível e que descreve melhor a pluralidade das práticas ou desejos dos homens *same-sexoriented*.

(...) interpretar a idéia de “homossexualidade” como uma essência, uma estrutura ou um denominador sexual comum a todos os homens com tendências homoeróticas é incorrer num grande erro etnocêntrico. (...) a noção de homoerotismo tem a vantagem de tentar afastar-se tanto quanto possível desse engano. (...) exclui toda e qualquer alusão à doença, desvio, anormalidade, perversão etc. (...) nega a idéia de que existe algo como “uma substância homossexual” orgânica ou psíquica comum a todos os homens com tendências homoeróticas. (...) o termo não possui a forma substantiva que indica identidade (COSTA, 1992, p. 21).

O homossexual é diferente do ser com desejo homoerótico: homoerotismo não tem a ver com identidade de gênero, mas com sexualidade. Pelo que diz Jurandir Freire Costa, já dá pra perceber que homoerotismo expande a noção rasteira de sexualidade que se tem com o binarismo hétero/homossexual. Vamos seguir, então, para a análise literária.

O Narciso Rodriguiano

A artista Yayoi Kusama, em participação extraoficial na Bienal de Veneza de 1966, instalou mil e quinhentas bolas espelhadas sobre um gramado em meio aos pavilhões oficiais. No meio da instalação clandestina, realizada às ocultas, onde cada bola podia ser comprada por dois dólares, havia uma placa com os dizeres “Seu narcisismo à venda”. Na releitura que a artista faz do mito de Narciso, refratada *ad infinitum*, desconstrói-se a ilusão de completude e unidade sentida por Narciso e proporciona-se ao observador uma experiência de dispersão da imagem.

Outra releitura do mito, muito próxima da releitura de Kusama, consiste num Narciso que, em meio ao exercício contemplativo diário, é surpreendido com a distorção do reflexo da própria imagem, causada por uma folha que cai na superfície do lago. Sem suportar tal dispersão, ou a feiúra provocada pela imagem distorcida, Narciso teria caído, ou se jogado no lago, e morrido afogado.

Um caso de dispersão semelhante a essas releituras do mito de Narciso está no conto “A desconhecida”, da coluna *A vida como ela é...*, de Nelson Rodrigues. O conto narra a aflição de Andrezinho ao topar com sua “imagem distorcida”. Em outras palavras, até então com um reflexo homogêneo, Andrezinho se defronta com o Sublime³. Ali, ele

³ O filósofo Jair Barboza diz o seguinte a respeito do Sublime schopenhaueriano: “(...) se dá quando o espectador se coloca em face de grandezas, sejam espaciais ou temporais, que o reduzem a nada, a uma

começa a imaginar não apenas como seria “a desconhecida” do título, mas como ela reagiria ao contemplá-lo.

O reflexo deste Narciso inseguro chamado Andrezinho é a avaliação dos outros, especialmente a avaliação das mulheres que ele conquista. Se uma dessas mulheres é inacessível, abalam-se as estruturas do reflexo. Agora imagine que essa mulher inacessível pode ser um homem.

O reflexo de Andrezinho se turva graças a Peixoto. Parece que foi de caso pensado. Percebendo o fio de insegurança, este diz àquele: “Vou te provar que és um mascarado. Queres ver?” (RODRIGUES, 2006, p. 601). Como Andrezinho duvida, Peixoto diz: “(...) eu conheço uma pequena com quem tu não arranjarias tostão. Aposto os tubos!”⁴ (p. 602). A partir daí, uma possibilidade de leitura está para além da suposição de que a tal “pequena” não existe, porque não existiria literalmente uma “pequena”, mas sim Peixoto se projetando numa hipotética pequena de Andrezinho⁵.

Nelson Rodrigues parece ter a intenção de tratar do homoerotismo logo no início do conto, quando Andrezinho, num dos momentos de necessidade de autoafirmação, pergunta “Sou ou não sou bonito?” e obtém como resposta “Não acho homem bonito. Pra mim, qualquer homem é um bucho” (p. 601). Aí está a primeira marca da dificuldade da relação afetuosa entre homens na sociedade pós-revolução francesa. Até os dias de hoje, com o amor restrito ao casal heteronormativo, homens com inclinação homoerótica não podem externar seus sentimentos, sob a ameaça constante de serem rechaçados. Daí por acabarem externando com agressividade.

É o que acontece com Peixoto, que põe pra fora seu “desprezo” por Andrezinho. Da forma como é descrito no conto, “Taciturno e caladão” (p. 603), assim como grande parte dos sujeitos no dilema do armário discutido por Sedgwick (1990), Peixoto começa a instigar Andrezinho da beleza da tal “pequena” inconquistável. “Pra teu governo, essa cara é [inconquistável]. Nem você, nem duzentos como você, arranja nada” (RODRIGUES, 2006, p. 603), diz ele. Andrezinho é fisgado e começa a puxar o anzol: pede nome, endereço e telefone. Entretanto, Peixoto se recusa a oferecer

A partir daí, o reflexo de Andrezinho vai aos poucos se perdendo. Nas palavras do narrador, “Peixoto soubera criar uma sugestão diabólica” (p. 603). Depois de passar uma

gota no oceano, e, no entanto, mesmo assim, sai dessa pequenez e contempla a Ideia platônica por trás dos acontecimentos grandes ou potentes” (BARBOZA, 2003, p. 40).

⁴ Numa análise freudiana, apostar “os tubos” seria um chiste do inconsciente de Peixoto. Essa linha de raciocínio prosseguiria quando mais adiante o mesmo personagem diz “pode cuspir na minha cara”.

⁵ A utilização do adjetivo “pequena”, além de comum para designar as jovens e belas mulheres na época, ainda vai ao encontro da personagem de Peixoto: descrito com uma perna menor que a outra, ou seja, incompleto, menor, inferior. Era assim que o Peixoto da leitura estabelecida aqui se via, uma vez que se projetava na mulher subjugada, frágil, “pequena”.

noite sem dormir, a certeza de Andrezinho sobre a própria beleza não era a mesma. Ele não podia mais nem completar seu exercício de auto-afirmação:

Quem seria? Como seria? Imaginava um nome, um rosto ou, por outra: imaginava vários nomes e um rosto múltiplo para a estranha. De manhã, escovando os dentes, ainda pensava nela com apaixonada obstinação. No ônibus, veio com um amigo. Primeiro perguntou: “Sou bonito?” Em seguida, admitiu:

– Estou interessadíssimo por uma cara que nunca vi mais gorda. Não é gozado?(RODRIGUES, 2006, p. 603)

Com a possibilidade de leitura aqui colocada, o personagem não percebia que, inconscientemente, seu interesse partia da necessidade avassaladora de recuperar o próprio reflexo de beleza, necessidade que vai levá-lo a se afogar no jogo de Peixoto. Andrezinho imaginava não um nome ou um rosto ou vários nomes e um rosto múltiplo, mas uma infinidade de possibilidades de ser avaliado. Aí surge nele o Sublime, esse sentimento humilhante de pequenez diante do mundo. O golpe é tão forte que Andrezinho se recusa a educar-se à nova realidade, a de deixar o personagem *bom vivant* e fútil de lado, e quer a todo custo se achar “pintoso” de novo. Peixoto se recusa a ajudá-lo. “Desiste” do desafio e recusa-se a dizer quem é a “pequena”. Andrezinho fica indignado:

– Mas olha aqui, seu animal! Não foste tu que tiveste a idéia? Foi ou não foi?

Concordou que sim, aduzindo: “Foi, sim. Porém mudei de opinião, ora, bolas! O que é que eu ganho com isso? Ganho alguma coisa? Nada!” Andrezinho desligou o telefone, assombrado. E fez o comentário para si mesmo:

– Que mágica besta! (RODRIGUES, 2006, p. 604)

Então Andrezinho decide fazer com Peixoto o que muitos homens já fizeram para seduzir uma mulher em negaceio: embebeda-o.

De noite, encontraram-se no café. Andrezinho, com a imaginação em chamas, arrastou-o para um canto. Naquela noite, fez o monópólio do amigo, absorveu-o. Mandou vir cerveja, com a idéia de puxar

por ele. E, de fato, à medida que ia bebendo, Peixoto abriu-se. Lambendo a espuma dos beiços, admitiu que a outra o conhecia. Andrezinho tomou um susto: “Ah, me conhece? E qual é a impressão dela, a meu respeito?” Semibêbado, Peixoto piscou o olho:

– Te considera um cretino de pai e mãe. Um idiota chapado!

Doeu-se:

– Mentira tua!

E Peixoto:

– Palavra de honra!

Continuaram a conversa, com um imenso consumo de cerveja. Querendo pôr água na boca do outro, Peixoto exagerava: “É boa até depois de amanhã. Dessas que derretem edifícios!” E, por fim, iluminado pela cerveja, praguejava, como um possesso:

– Olha aqui, seu zebu! Eu sou aleijado, sei que sou! Mas a minha vingança, sabe qual é? – parou, para tomar fôlego – É que tu não vais conhecer essa pequena, não, percebeste?

Na sua cólera de bêbado, investiu, querendo agredi-lo:

– Pelo menos essa, tu não vais conquistar, porque eu não deixo!
(RODRIGUES, 2006, p. 604)

É aí que Andrezinho começa a definhar de vez. “Já não se dizia ‘bonito’, nem ‘pintoso’” (RODRIGUES, 2006, p. 605). Como para uma mulher que o despreza, manda recados para Peixoto. Quer saber o nome, “só o nome”. Mas o amor homoerótico não ousa dizer seu nome. Peixoto solta então uma frase que deixa descarado que a “pequena” é ele próprio: “Andrezinho pode ser bonito lá pra o raio que o parta. Pra mim, não” (p. 605).

Afinal, Andrezinho “passava horas imerso numa ardente e inútil meditação” (p. 605). Completamente afogado no lago do autoconhecimento, já não seria mais o mesmo. Então, no encerramento do conto, recebe a notícia da morte de Peixoto e “uiva”:

“Morto?” E soluçava: “Não é possível! Não pode ser!” Uns 15 minutos depois, entrava no necrotério. Ao ver o outro, na mesa, definitivamente silencioso, sentiu-se condenado a amar uma mulher que jamais conheceria. Enfureceu-se. Atirou-se ao cadáver, sacudia-o, gritando:

– Diz o nome! Quero o nome! Fala!... (RODRIGUES, 2006, p. 605)

Com esta chave de leitura, a impossibilidade de Peixoto se declarar e relacionar-se afetuosamente com outro homem não o impediu de estabelecer o jogo de sedução. O sujeito preso no armário tem desses refinamentos.

Bibliografia

- BARBOZA, Jair. **Schopenhauer**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.
- COSTA, Jurandir Freire. **A inocência e o vício**: estudos sobre o homoerotismo. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1992.
- DEL PRIORE, Mary. **História do amor no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2012.
- RODRIGUES, Nelson. **A desconhecida**. In: **A vidacomoela é...**Rio de Janeiro: Agir, 2006. p. 600-605.
- SEDGWICK, Eve Kosofsky. **Epistemology of the closet**. Berkeley: University of California Press, 1990.
- TREVISAN, João Silvério. **Devassos no paraíso**: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade. Rio de Janeiro: Record, 2007.